



**UM REINADO NEGRO  
ATRAVESSADO NO ESPAÇO  
URBANO: DA EXPERIÊNCIA  
ABISSAL AO UBUNTU NA  
GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE  
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO  
DE POMPÉIA**

*A BLACK KINGDOM CROSSED IN  
URBAN SPACE:  
FROM THE ABISSAL EXPERIENCE TO  
UBUNTU IN THE GUARD OF  
MOZAMBIQUE OF OUR LADY OF ROSARY  
POMPEII*

***Guaraci Maximiano dos Santos***

Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista FAPEMIG. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Contato: gmspico@gmail.com

***Glaydson de Oliveira Souza***

Mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista CAPES. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Contato: advogado.bh@hotmail.com

**Resumo:** Repositórios da memória centro-africana, predominantemente ágrafa, os Reinados negros evidenciam o cruzamento das culturas, tradições e religiosidades do povo bantu com outros códigos e sistemas simbólicos, tecendo uma identidade afro-brasileira singular. Contudo, o modelo de racionalidade ocidental, que orienta a cultura dita “hegemônica”, ignora e desabilita os conhecimentos e saberes de informação não eurocêntrica, levando ao epistemicídio dessas cosmovisões. O presente texto, elaborado a partir de uma metodologia participativa, articulada entre as ciências da religião e o fenômeno religioso em campo, propõe analisar como as linhas abissais que fundamentam a modernidade (colonialismo, capitalismo e patriarcado) atravessam a experiência do Reinado da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, inserida no bairro mais populoso da capital mineira, apresentando a filosofia Ubuntu enquanto paradigma emergente.

**Palavras-chave:** Reinado. Linhas abissais. Epistemologias do sul. Ubuntu.

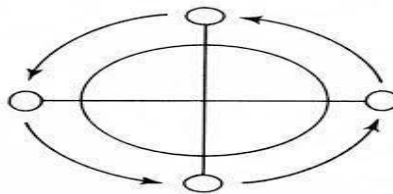
**Abstract:** Repositories of Central African memory, predominantly graphic, the Black Kingdoms show the intersection of the cultures, traditions, and religiosities of the Bantu people with other codes and symbolic systems, weaving a unique Afro-Brazilian identity. However, the Western rationality model, which guides the so-called “hegemonic” culture, ignores and disables non-Eurocentric knowledge and knowledge, leading to the epistemicide of these worldviews. This text, elaborated from a participatory methodology, articulated between science and the religious phenomenon, proposes to analyze how the abyssal lines that underlie modernity (colonialism, capitalism, and patriarchy) cross the experience of the Guard of Mozambique of Nossa Senhora do Rosário from Pompéia, inserted in the most populous neighborhood of the capital of Minas Gerais, presenting the ubuntu philosophy as an emerging paradigm.

**Keywords:** Reign. Abyssal lines. Southern epistemologies. Ubuntu.

## Introdução

A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas<sup>1</sup>.

Isso significa que a encruzilhada pode ser lida tanto como um ponto crítico quanto uma decisão a ser tomada. Como ponto crítico, a encruzilhada nos fincou o colonialismo, provocando a escravização e a diáspora africana, acontecimento marcado pela tragédia e pela morte; como decisão a ser tomada, a encruzilhada nos legou a reinvenção e o reencantamento do mundo, transmigrando para as Américas cosmovisões que traduzem outros paradigmas e conferem alteridade às culturas e religiosidades negras de matriz centro-africanas enquanto agentes de transformação. Vejamos, abaixo, o cosmograma congo ou bakongo, de acordo com Robert Farris Thompson<sup>2</sup>:



Representando uma encruzilhada, o cosmograma sintetiza os ciclos da vida humana em quatro etapas: concepção, nascimento, amadurecimento e morte. Sua linha horizontal divide o mundo dos vivos (negros) do mundo dos mortos (brancos), sendo que o mundo dos vivos fica na parte de cima e dos mortos na parte de baixo. Ele também pode representar uma cruz, símbolo cristão por excelência. No entanto, “a cruz, no pensamento bacongo, remete a ideia de vida como um ciclo contínuo, semelhante ao movimento de rotação efetuado pelo sol, assim como a possibilidade de conexão entre os dois mundos”<sup>3</sup>, e, ao contrário da teologia cristã, como nos ensina Catherine Cymone Fourshey, remonta a 3.500 a.c.<sup>4</sup>

A interpretação da cruz para os centros africanos nos possibilita entender como os símbolos cristãos foram por eles reinterpretados, “investidos de novas conotações semânticas”<sup>5</sup>. Do mesmo modo, nos possibilita entender como se formou a retórica do poder ocidental, a que

<sup>1</sup> MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997, p. 26.

<sup>2</sup> THOMPSON, Robert Farris. *Flash of the Spirit: African and Afro-American Art and Philosophy*. New York: Vintage Books, 1984, p. 109.

<sup>3</sup> SOUZA, Marina de Mello e. *Além do visível: Poder, Catolicismo e comércio no Congo e em Angola (séculos XVI e XVII)*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2018, p. 47.

<sup>4</sup> FOURSHEY, Catherine Cymone. *África Bantu: de 3500 a.c. até o presente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

<sup>5</sup> MARTINS, 1997, p. 40.

Immanuel Wallerstein denomina de universalismo europeu<sup>6</sup>, com a imposição do cristianismo como crença universal.

Nessa encruzilhada de imposições e reinterpretções surge, ainda em terras centro-africanas, a devoção a Nossa Senhora do Rosário, cuja dinâmica a diáspora africana conseguiu reorganizar a reproduzir no Brasil.

Neste trabalho falaremos sobre a experiência abissal atravessada pelo Reinado mantido pela Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, localizada junto a um terreiro de Umbanda e de Candomblé, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

No primeiro momento, situaremos a Guarda no contexto urbano e explicaremos a origem da devoção e da memória que ela mantém preservada. No segundo momento, demonstraremos alguns episódios pelos quais ocorre o epistemicídio desse sistema religioso e, no terceiro momento, traremos a filosofia Ubuntu como possibilidade de afirmação da alteridade e da agência da identidade negra inserida nessa tradição religiosa afro-diaspórica, de modo a propiciar o reconhecimento da pluralidade de conhecimentos reinadeiros.

### **A memória centro africana no Reinado negro da Sagrada Família**

Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, foi planejada e construída como uma cidade moderna e higienista em 1897, um avanço em face da antiga capital, a então colonial e escravista Ouro Preto.

A cidade foi criada oficialmente delimitada<sup>7</sup> por uma avenida denominada Contorno, cujo interior não contemplou a permanência da cultura nem manifestações religiosas negras, com exceção de uma pequena capela de Nossa Senhora do Rosário incrustada num movimentado cruzamento e que funciona num sistema curial, conforme foto abaixo:

---

<sup>6</sup> WALLERSTEIN, Maurice Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>7</sup> IGLÉSIAS, Francisco *et al.* A Constituinte Mineira de 1891. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 71, p. 163-245, jul. 1990.



Atual Capela Curial de Nossa Senhora do Rosário no centro de Belo Horizonte. Foto dos autores. Janeiro de 2021.

O sistema curial não permite a realização de casamentos, batizados, crismas nem demais ministérios na capela, por não ser vinculada, propositalmente, a nenhuma paróquia. Assim, segregados da cidade oficial, os negros do Rosário – que celebravam sua fé em grandes festas de Reinado – foram relegados às periferias da cidade<sup>8</sup>, onde estabeleceram seus reinos, juntando-se àqueles mais antigos, já fixados.

Segundo o levantamento da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte na publicação ‘Percursos do Sagrado’, em 2014<sup>9</sup>, existiam 36 Guardas de Reinado catalogadas nos arredores da cidade, mas esse número é maior: conforme informação dos próprios reinadeiros, em 2021, o número exato de Guardas de Reinado é 42, formando uma espécie de “cinturão devocional” em torno da cidade.

Nosso enfoque alcançará apenas o Reinado da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia – que passaremos a chamar apenas de Guarda – no bairro da Sagrada Família, na zona leste, atualmente o mais populoso de Belo Horizonte, com população de 34.389 pessoas<sup>10</sup>, de acordo com informações da prefeitura municipal baseada no último censo realizado em 2010.

A referida Guarda, de fundação matriarcal, se constituiu na primeira metade do século XX pela médium e sua Rainha Perpétua, Dona Cecília Félix dos Santos (1921-2007), embora oficialmente registrada, não pertence a nenhuma irmandade católica, mas tais aspectos formais

<sup>8</sup> Sobre a hierarquização de Belo Horizonte, sugerimos: AGUIAR, Tito F. Rodrigues. *Vastos Subúrbios da Nova Capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte*. 2006. 443 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006, p. 39.

<sup>9</sup> GIBRAN, Elias; MOYSÉS, Júlia (Orgs.). *Percursos do Sagrado: Irmandades do Rosário de Belo Horizonte e entorno*. Projeto de Registro das Guardas de Congado de Belo Horizonte, n. 0612/2011, Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Belo Horizonte: Canal C – Comunicação e Cultura, 2014.

<sup>10</sup> BELO HORIZONTE. Prefeitura. *População residente total por bairro em Belo Horizonte*. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/politicaurbana/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

não a impede de ser um arcabouço de preservação e transmissão da memória, da cultura e da religiosidade centro-africana, daí a palavra ‘Guarda<sup>11</sup>’ enquanto receptáculo de uma pluralidade de conhecimentos heterogêneos e de orientação não hegemônica.



Dona Cecília Félix dos Santos, Rainha Perpétua da Guarda, numa procissão em 2006. Foto do arquivo do Centro Espírita São Sebastião – CESS.

Localizada junto ao Centro Espírita São Sebastião (CESS) – a Guarda coexiste com duas outras tradições de matriz bantu, a saber, Umbanda e Candomblé de Angola, formando o que o sacerdote Guaraci Maximiano dos Santos denomina de “tríade bantu”<sup>12</sup>. Os estudos da tríade bantu vem fomentando estudos concomitantes, a que se designa polifonia ritual<sup>13</sup>.

O Reinado instituído pela Guarda tem sua matriz ou origem formada durante os primeiros contatos dos portugueses com a população centro-africana, no Congo, ainda no século XV, e em Matamba (atual Angola) no século XVI, ou seja, antes dos processos de

<sup>11</sup> No interior de Minas Gerais as Guardas também são chamadas de Ternos. Tanto as Guardas ou os Ternos são identificados por nações, como os Congos ou os Moçambiques, mas também há catopés e outras designações, sendo que cada grupo cumpre um papel importante e definido no Reinado.

<sup>12</sup> SANTOS, Guaraci Maximiano dos. *Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola: uma tríade Bantu na promoção da vida responsável*. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1698-1700, jul./set. 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n39p1698/8653>. Acesso em: 10 abr. 2021.

<sup>13</sup> POLIFONIA RITUAL NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. Montes Claros: [s. n.], 2020. 1 vídeo (112 min). Publicado pelo canal Descolonizações e Interculturalidades. Participação de Cristina Borges, Steven Engler, Alexandre Kaitel e Guaraci M. dos Santos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YoeP9LD2VY8&t=193s>. Acesso em: 26 nov. 2020.

colonização, escravização e tráfico do povo negro daquela região. Ainda em 1491, o *mani Congo* aceitou a conversão do seu reino ao cristianismo<sup>14</sup>. Contudo, a nova religião não foi substituta das crenças autóctones, pelo contrário: o cristianismo foi assimilado como mais uma possibilidade de poder junto ao panteão africano e foi lido e interpretado a partir das crenças locais.

Conforme nos informa Eduardo Possidônio, “o catolicismo se propagou rapidamente dentro do Congo e, por uma ‘ironia’, muitas das práticas cristãs assimilavam-se em vários aspectos com o fetichismo animista dos povos centro-africanos”<sup>15</sup>. A africanista Anne Hilton explica que “os reis interpretavam o cristianismo como uma extensão dos seus poderes tradicionais e temporais e o povo do Congo com frequência encarava os ritos e talismãs cristãos como novas proteções contra a feitiçaria”<sup>16</sup>.

A historiadora Marina de Mello e Souza esclarece esse processo, ao aduzir que:

Deu-se uma intensa reinterpretação de crenças, mitologias, símbolos e costumes que levaram, de um lado, missionários a acreditarem que catequizavam com êxito o povo e, do outro, um povo que entendia continuar com suas antigas crenças religiosas recebendo novos valores católicos aos seus tradicionais costumes. As igrejas ganhavam o nome de nzo nkisi, a bíblia era apresentada pelo clero católico como mukanda nkisi e os próprios padres se intitulavam em diversos momentos, como ngangas.<sup>17</sup>

Nesse contexto de assimilação da nova religião, onde “imagens católicas, crucifixos e rosários ocuparam o lugar de antigos objetos de culto”<sup>18</sup> nasceu a devoção a Nossa Senhora do Rosário e outros santos negros, integrada às crenças já existentes.

Ocorre que a história foi implacável: a escravidão se instalou nas terras centro-africanas, dispersando violentamente seus povos para as Américas, onde, separados, destituídos das suas subjetividades e privados das suas liberdades, foram condenados a servir os invasores que aqui vieram explorar e enriquecer.

---

<sup>14</sup> Acerca do batismo do *mani Congo* Nzinga a Kuwu e da conversão do seu reino, ver: SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

<sup>15</sup> POSSIDÔNIO, Eduardo. *Entre Ngangs e manipansos: A religiosidade centro-africana nas freguesias urbanas do Rio de Janeiro de fins do Oitocentos (1870-1900)*. Salvador: Sagga, 2018, p. 38.

<sup>16</sup> HILTON, Anne. *The Kingdom of Kongo*. Oxford: Clarendon Press, 1985, p. 98.

<sup>17</sup> SOUZA, 2002, p. 66.

<sup>18</sup> SOUZA, 2018, p. 41.

Esse período sombrio da história da humanidade é o estopim para o mito que origina o Reinado<sup>19</sup>, quando os negros teriam encontrado uma imagem de Nossa Senhora do Rosário no mar. Os brancos, não conseguindo retirá-la de lá, deram vez aos negros, que, cantando, dançando e batendo seus tambores em uma Guarda de massambique (de massamba = dança), fizeram com que a imagem emergisse das águas e os seguissem até a capelinha que haviam construído. Ao se comunicar com os negros pelo som dos tambores, a senhora do Rosário haveria revelado uma mensagem, que foi ignorada pelos invasores: a mensagem da igualdade!

Como constatado na história, a mensagem foi ignorada e a diáspora se efetivou. Isso motivou um cântico muito profundo, entoado pelas Guardas de Congo e de Moçambique:

Zum zum zum, lá no meio do mar  
Zum zum zum, lá no meio do mar

É o canto da sereia, que faz entristecer,  
Parece que ela advinha, o que vai acontecer

Ajudai-me rainha do mar, ajudai-me rainha do mar  
Que manda na terra, que manda no ar,  
ajudai-me rainha do mar!

Esse lamento representa um navio negreiro no mar, a caminho das Américas, seguido de um pedido de socorro à mãe do Rosário, para que intercedesse diante daquela situação: a separação definitiva da terra sagrada, rumo ao desconhecido.

...

Já nas terras do Brasil, os centro-africanos continuaram a cultuar Nossa Senhora do Rosário da maneira mais aproximada daquilo que era feito na África central, agregando na sua devoção – predominantemente ágrafa – a reprodução da memória africana por meio da coroação de reis e rainhas congos. Conforme aduz Edimilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira Gomes, há registros dessas coroações no século XVII:

A coroação de reis do Congo tem registro muito antigo no Brasil, com ocorrência em 1674, em Recife. Esse evento, permitindo simbolicamente que os negros tivessem seus reis – foi um recurso utilizado pelo poder do Estado e da Igreja para controle dos escravos. Era uma forma de manutenção aparente de uma organização social dos negros, uma sobrevivência que se transformou em fundamentação mítica. Na ausência de sua sociedade original, onde os reis tinham função real de liderança, os negros

---

<sup>19</sup> O mito de Nossa Senhora do Rosário encontra variadas narrativas pelos reinadeiros, que ora entendem que a imagem apareceu sobre as águas, ora no deserto, ora sobre uma pedra. Sobre o assunto, ver: POEL, Francisco van der. *O Rosário dos homens pretos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

passaram a ver nos 'reis do Congo' elementos intermediários para o trato com o sagrado.<sup>20</sup>

Essa manifestação embrionária, no nordeste brasileiro, será transmigrada para Minas Gerais na fase da exploração do ouro em Vila Rica (Ouro Preto), onde floresce e se dissemina para todo o sudeste do país.

Portanto, o que temos hoje, representado pelo Reinado da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, encravada no complexo tecido urbano moderno de Belo Horizonte, é uma memória centro-africana expressada numa devoção que vive e permanece numa cidade que nunca foi capaz de compreendê-la, conforme veremos.

### **O atravessamento do paradigma dominante e suas linhas abissais na Guarda de Moçambique do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia**

Reinado não é “catolicismo popular”, não é “catolicismo negro”, não é “catolicismo africano”, não é jogo, não é folguedo e não é uma mera representação teatral ou folclórica, nem carnavalesca.

O Reinado se desvela como um sistema religioso peculiar, sagrado, que consiste na realização de grandes festejos públicos que transformam o lugar profano (rua) em sagrado, através da apropriação desse espaço para manifestar a devoção a Nossa Senhora do Rosário (e outros santos) e também a seus ancestrais africanos, por meio de danças, músicas, rituais e procissões, numa profusão de cores e mística singulares. Popularmente designado como Congado, Congada ou Reisado, o Reinado se difere dessas denominações por ser “a parte da festa em que a ancestralidade é reverenciada a partir da coroação dos reis, que retomam as origens nos reis africanos”<sup>21</sup>. Para Lêda Maria Martins:

Ainda que sejam tomados um pelo outro, os termos Congado e Reinado mantêm diferenças. Ternos ou Guardas podem existir individualmente, ligados a santos de devoção em comunidades onde não existia o Reinado. Os Reinados, entretanto, são definidos por uma estrutura simbólica complexa e por ritos que incluem não apenas a presença das Guardas, mas a instauração de um império, cuja concepção inclui

---

<sup>20</sup> GOMES, Núbia Pereira; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras Raízes mineiras*: Os Arturos. Juiz de Fora: MEC/EDUFJF, 1988, p. 182.

<sup>21</sup> SÁ, Marco Antônio Fontes de. Congadas e Reinados – Celebrações de um catolicismo popular, africano e brasileiro. *Revista Mosaico*, Goiânia, v. 12, p. 286-302, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7713/pdf>. Acesso em: 17 mar. 2021, p. 26.



variados elementos, atos litúrgicos e cerimoniais e narrativas que, na performance mitopoética, reinterpretam as travessias dos negros da África às Américas.<sup>22</sup>

Nesse íterim, é importante entender que os santos negros, negros ou não, do panteão católico celebrados nesse sistema religioso, ao serem ressignificados no Congo no século XV, foram interpretados a partir das crenças autóctones, que os atribuiu novos nomes e novas qualidades místicas.

Nessa perspectiva, Nossa Senhora do Rosário dos pretos, na língua dos bacongo, se transformou em *Ndamba Berê Berê ou Nsandi Malau*; sua imagem difere da católica, sendo representada sentada sobre um tambor ou tambu (n'goma)<sup>23</sup> e seu rosário, tal qual amuleto ou fetiche, é cruzado no peito, como forma de proteção; Instituído o império e sua hierarquia do reino, ela é a figura principal a ser venerada, e o Nganga, rei ou rainha são os responsáveis por intermediar os pedidos dos fiéis junto a ela.

Todo o ritual é cantado e dançado, havendo rezas específicas, evocação dos ancestrais, presença de defumação e em alguns casos, da pemba (npemba)<sup>24</sup>, além da partilha comunitária de alimentos cuidadosamente preparados.

Cumprе salientar que a transmissão do conhecimento na África central no período antes da invasão europeia era predominantemente oral e corporal. O Reinado, como fenômeno religioso que remonta a esse período histórico, é pautado pela “oralitura”.

Segundo Leda Maria Martins a “oralitura” é um privilégio de certos povos, entendida como “alteração significativa, rasura da linguagem constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas”<sup>25</sup>. O repositório da cultura centro-africana representado pelo Reinado é uma mescla daquela cultura com a europeia. Conforme aduz Linda M. Heywood:

Quando os centro-africanos chegaram ao Brasil como escravizados, o processo de misturar as culturas continuou. E essa mistura cultural, nas comunidades de centro-africanos no Brasil, evidencia a retenção da tradição, a tradição da adaptação. A adaptação não destruiu a cultura africana. Pelo contrário, permitiu à cultura centro-

<sup>22</sup> MARTINS, 1997, p. 31-32.

<sup>23</sup> N'goma, Ingomba, ingome., engoma, ingoma ou zingoma é uma espécie de atabaque encontrado em toda a África central, construído de maneira rústica, esticando uma pele de animal sobre um cilindro de madeira. Sobre o assunto, ver: CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001, p. 229; 254.

<sup>24</sup> Pó ritualístico usado nos cultos afro-brasileiros, que faz a ligação entre o mundo dos vivos com o mundo dos mortos. Nesse sentido, ver: SLENES, Robert. A árvore de Nsanda transplantada: cultos kongo de aflição e de identidade escrava no sudeste brasileiro (século XIX). In: LIBBY, Douglas Cole; FURTADO, Júnia Ferreira (Orgs.). *Trabalho livre, trabalho escravo*. Brasil e Europa, séculos XVII e XIX. São Paulo: Annablume, 2006, p. 293-294.

<sup>25</sup> MARTINS, 1997, p. 83.

africana prosperar – indicando a existência de uma cultura vital e dinâmica, e não às sombras de uma cultura que estava prestes a desaparecer.<sup>26</sup>

Contudo, o Reinado, enquanto cultura negra e religiosidade afro-diaspórica sempre está na ‘encruzilhada’ e sobre ele sempre existiram proibições, regras, impedimentos, perseguições, discriminações e cerceamentos de toda ordem.

Primeiramente, o Reinado encontrou no próprio catolicismo uma ação marginalizadora, como o não reconhecimento da forma peculiar da devoção reinadeira. Essa posição coloca o Reinado como coadjuvante diante do protagonismo católico, haja vista que ele não pertence, oficialmente, à doutrina e à teologia cristã.

Tendo na hiperdulia<sup>27</sup> o culto “oficial” à Nossa Senhora do Rosário, essa dogmática acarretou uma violenta perseguição da tradição na primeira metade do século XX por ordem de Dom Cabral, na denominada Reforma Ultramontana<sup>28</sup>. Nas primeiras décadas do século XX, Dom Cabral, bispo de Belo Horizonte, decretou a supressão do Reinado em toda a diocese, com prisão de Ngangas, fechamentos de irmandades, proibição das procissões e dos festejos. Na conjuntura da Guarda estudada, concebida na primeira metade do século XX, para que ela pudesse desfilar suas cortes e suas procissões nas ruas, era impositivo que se obtivesse uma ordem policial emitida por uma delegacia responsável por coibir manifestações que atentassem contra a “moral e os bons costumes” e que reprimia “a vagabundagem e os rituais de feitiçaria”.

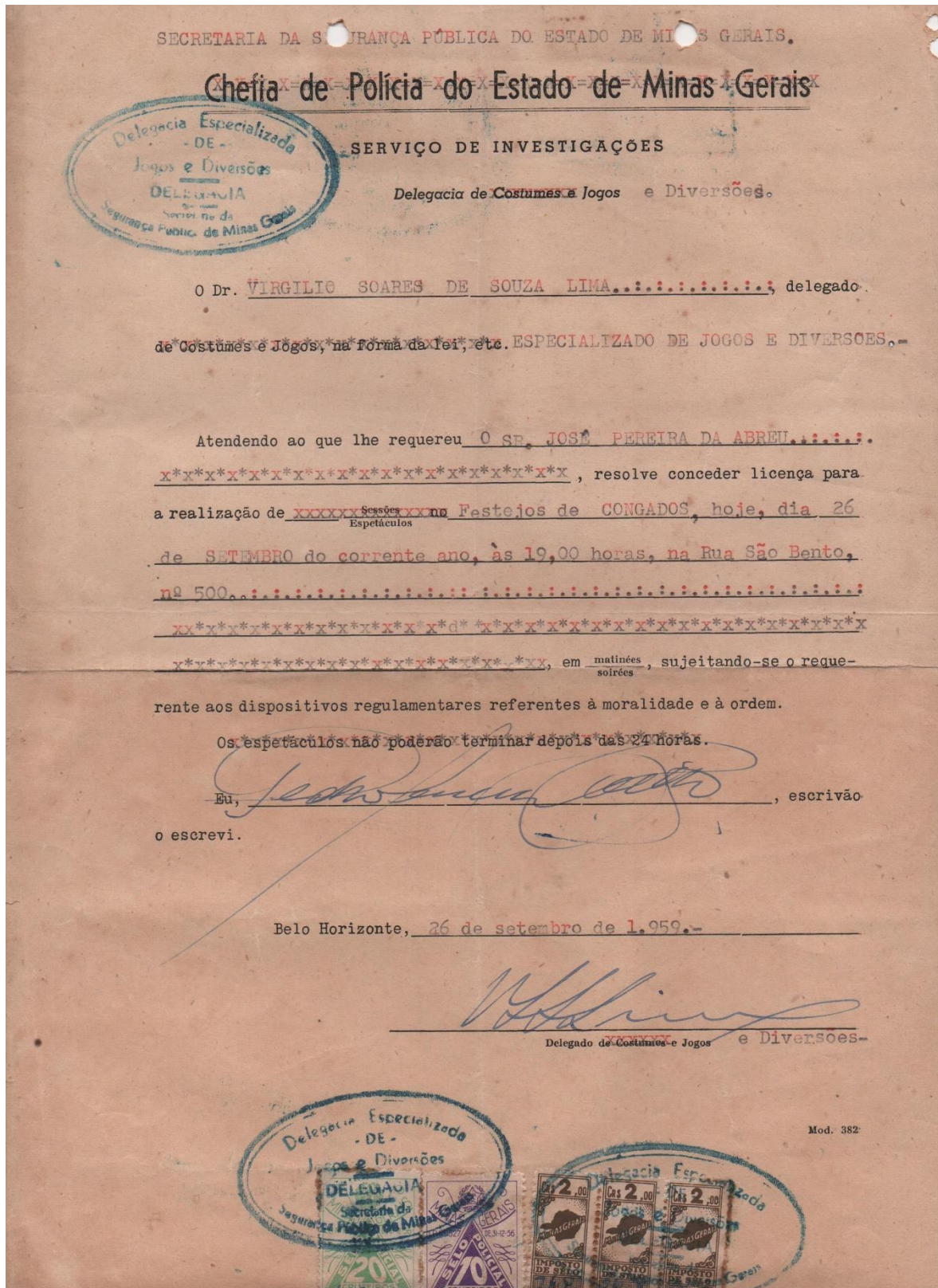
Juntamos neste trabalho um documento denominado “concessão de licença” lavrado pela Delegacia de Costumes, Jogos e Diversões da Chefia de Polícia do Estado de Minas Gerais, datado de 1959, pelo qual o delegado resolve “conceder licença para os festejos do congado”, registrando a forma repressiva e reguladora por meio da qual o Estado lidava com as manifestações religiosas de matriz africana naquele período, corroborando com os ideais da cidade moderna, branca e higienista do projeto inicial de Belo Horizonte.

---

<sup>26</sup> HEYWOOD, Linda M. (Org.). *Diáspora negra do Brasil*. Tradução de Ingrid de Castro Vompeam Fregonez, Thaís Cristina Casson e Vera Lúcia Benedito. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 166-167.

<sup>27</sup> Hiperdulia (do grego υπερδουλεια; «alta veneração») é um termo teológico utilizado pelas Igrejas Católica e Ortodoxa que significa a honra e o culto de veneração especial devotados a Nossa Senhora. Este culto à Nossa Senhora é feito através da liturgia, que é o culto oficial e obrigatório da Igreja Católica, e também, em maior intensidade, através da piedade popular, que é o culto católico privado. No campo da piedade popular, destacam-se as devoções feitas à Virgem Maria, como por exemplo o Santo Rosário, o Angelus, o Imaculado Coração de Maria, a peregrinação aos lugares onde Maria apareceu, as procissões etc. Nesse sentido: BETTENCOURT, Estevão Tavares. *Católicos perguntam*. 6. ed. São Paulo: O Mensageiro, 1997.

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Sueli do Carmo. *O Reinado nas encruzilhadas do catolicismo: dinâmica das comunidades congadeiras em Itaúna/MG*. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011, p. 47. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2463/1/suelidocarmooliveira.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.



Autorização policial para os festejos de Reinado. 1959. Arquivo do CESS.

Outrossim, daquele período até o início da segunda década do séc. XXI, o constante processo de urbanização e de gentrificação nos arredores do CESS - com a valorização dos terrenos e a construção de altos edifícios para a classe média – mudou boa parte da vizinhança

original, o que levou a uma participação muito pequena nas procissões do Reinado. Compreende-se que, “na luta pelo que pode ou não pode existir na cidade (no mundo real ou imaginário que ela representa), a presença física e institucional do terreiro foi motivo de grande perseguição e discriminação social<sup>29</sup>.”

Como relata o sacerdote Guaraci, há registros de casos de intolerância religiosa em detrimento da Guarda, como o despejo de “óleo ungido” na porta do CESS feito criminosamente por grupos evangélicos; existem reclamações em razão do “barulho” causado pelos devotos e também pela necessidade de interrupção, ainda que momentânea, do trânsito local; e no que tange às procissões que antes ocupavam vários quarteirões, agora se reduziram a pouco mais de três, necessitando do apoio policial não apenas para controle do trânsito, mas, ainda para conter eventuais ataques aos afro-religiosos.

A essa marginalização e sistemática tentativa de apagamento do Reinado no espaço urbano podemos chamar de “epistemicídio” segundo concepção matizada por Boaventura de Sousa Santos<sup>30</sup>. Para o autor, “o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal” que “consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis”<sup>31</sup>. Nesse entendimento, as linhas abissais são compostas pelo colonialismo, pelo capitalismo e pelo patriarcado, para os quais a Ciência, o Direito<sup>32</sup> e a religião estão a serviço, provocando o silenciamento de tudo aquilo que foge da norma.

Acompanhando esse raciocínio, Boaventura coloca que, entre as consequências negativas advindas das linhas abissais está o que ele denomina “sociologia das ausências”, ou seja, o processo de invisibilidade proposital de determinadas tradições, concebidas exatamente para que não existam. Nesse sentido afirma Santos:

Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas, do outro lado da linha. Eles desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e do falso. É inimaginável aplicar-lhes não só a distinção científica entre verdadeiro e falso mais também as verdades inverificáveis da filosofia e da teologia que constituem o outro conhecimento aceitável deste lado da linha.<sup>33</sup>

<sup>29</sup> SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás da metrópole*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 165.

<sup>30</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

<sup>31</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-32.

<sup>32</sup> SANTOS, 2010, p. 33.

<sup>33</sup> SANTOS, 2010, p. 33-34.

A existência negativa dessa “sociologia das ausências”, alimenta o secularismo. Para Boaventura, existe uma diferença entre secularismo e secularidade. Secularismo, segundo ele, “é mais radical: implica restringir a religião ao espaço privado exclusivamente”. No que tange à secularidade, ela “supõe a permissão das expressões religiosas no espaço público como afirmação da própria liberdade de todos os cidadãos”<sup>34</sup>.

O epistemicídio ou as sistemáticas tentativas de apagamento do Reinado se devem, em princípio, a não adequação desse sistema religioso ao sistema hegemônico, ocidental, que o subjuga com seu poder ideológico e econômico por ser contraposto e inútil a um sistema padronizado e naturalmente excludente; Como reação, provoca uma interseccionalidade que recai, respectivamente: no preconceito (por desconhecimento), na intolerância (por recusa às cosmovisões que vão contra o sistema), no racismo religioso (pela marginalização e demonização dessas cosmovisões) e também nas violências (visando combater aquilo que é diferente).

Logo, temos um confronto: de um lado, as linhas abissais que pretendem manter a hegemonia do sistema-mundo<sup>35</sup>, que oprimem e marginalizam o Reinado enquanto manifestação afro-diaspórica, evidenciando o epistemicídio e a sociologia das ausências; e de outro, a resistência da tradição que nascida na África Central, enfrentou a escravização dos seus adeptos, a diáspora e todas as suas ingerências e está, agora, atravessada no contexto urbano de Belo Horizonte do início do século XXI.

Essa encruzilhada demanda uma abordagem decolonial da realidade.

### **O paradigma emergente: o Ubuntu**

No ano de 1845, as teses sobre Feuerbach foram concluídas por Karl Marx, que formulou sua famosa tese XI: “até agora, os filósofos mais não fizeram do que interpretar o mundo de formas diferentes; a questão é transformá-lo”<sup>36</sup>. Esse pensamento fundamentou as teorias críticas ocidentais até então e se faz importante, notadamente, nas sociedades colonizadas, tal qual o caso brasileiro.

---

<sup>34</sup> SANTOS. Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014, p. 47.

<sup>35</sup> Sobre o sistema-mundo sugere-se a leitura de: WALLERSTEIN, Maurice Immanuel. *O sistema mundial moderno*. Vol. II: o mercantilismo e a consolidação da economia-mundo europeia, 1600-1750. Porto: Ed. Afrontamentos, 2002.

<sup>36</sup> MARX, Karl; ENGELS, Frederick. *The German Ideology*. Londres: Lawrence and Wishart, 1974, p. 121-123.

Enquanto o pensamento colonial coloca a Europa como centro e como referência principal de uma imaginária escala de valores, o pensamento decolonial implica numa horizontalidade com outras formas de pensar, de sentir, de viver e de conhecer, dando espaço para as outras formas existirem, colocando-as dentro da mesma categoria na escala de valores.

Para Mignolo:

Colonialidade e decolonialidade introduzem uma fratura entre a pós-modernidade e a pós-colonialidade como projetos no meio do caminho entre o pensamento pós-moderno francês de Michel Foucault, Jacques Lacan e Jacques Derrida e quem é reconhecido como a base do cânone pós-colonial: Edward Said, Gayatri Spivak e Hommi Bhabba. A decolonialidade – em contrapartida – arranca de outras fontes. Desde a marca decolonial implícita na Nueva Crónica y Buen Gobierno de Guaman Poma de Ayala; no tratado político de Ottobah Cugoano; no ativismo e crítica decolonial de Mahatma Ghandi; na fratura do Marxismo em seu encontro com o legado colonial nos Andes, no trabalho de José Carlos Mariátegui; na política radical, o giro epistemológico de Amílcar Cabral, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Rigoberta Menchú, Gloria Anzaldúa, entre outros.<sup>37</sup>

Isso implica que a tese XI em seu ímpeto de transformar o mundo deve acompanhar a evolução que ocorre fora da Europa, haja vista que uma experiência não eurocêntrica informa como prerrogativa a existência de outra cosmovisão, outro universo simbólico e outras maneiras de ver a vida, a natureza e a morte. As tradições religiosas afro-diaspóricas traduzem esse paradigma emergente ao cultuar e venerar as forças da natureza e viver com contato direto e indissociável com outros planos, com a terra e seus elementos.

Para entendermos essas tradições, se faz necessária a abertura para outras formas de saber, uma vez que o conhecimento científico eurocêntrico foi construído para não valorizar essas experiências, porquanto pautado numa lógica cartesiana imediatista e utilitarista.

As epistemologias do sul são, nesse diapasão, uma tentativa de realizar essa abertura para a diversidade, trazendo outros conhecimentos para dentro do conhecimento científico, uma vez que não faz sentido dizer que os conhecimentos produzidos pelas populações subalternizadas no sul global não são científicos: são outras ciências que existem em outros contextos, não eurocentrados. Sobre essas epistemologias, Boaventura de Sousa Santos explica que:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica

---

<sup>37</sup> MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signio, 2010, p. 14.

dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos.<sup>38</sup>

Essas epistemologias traduzem um sul que resiste e que produz alternativas ao imperialismo e ao colonialismo do norte, pautadas em conhecimentos que pretendem resgatar experiências que são invisibilizadas e marginalizadas e que muitas vezes sequer chegam ao nosso conhecimento, pois criadas exatamente para serem invisíveis. Tais epistemologias são, portanto, uma proposta que denuncia a lógica que sustentou a soberania epistêmica da ciência moderna, “uma lógica que se desenvolveu com a exclusão e o silenciamento de povos e culturas que, ao longo da história, foram dominados pelo capitalismo e pelo colonialismo”<sup>39</sup>.

Esse conhecimento plural permite que o sujeito colocado num lugar subalterno tenha voz (e seja ouvido) e amplifica o sentido das inovações que têm lugar no sul global, não como sendo manifestações exóticas ou teatralizadas que não tem interesse geral ou tem interesse apenas local, mas como coisas novas e perenes, pois expandem o sentido da existência humana e que devolvem a dignidade e o sentido para a vivência daqueles que esbarram no epistemicídio das suas culturas e religiosidades.

Dentro da perspectiva pluriversa e dinâmica das epistemologias do sul, emerge uma consciência fundamental, que remete às origens centro-africanas: o Ubuntu. Segundo Ramose, “o Ubuntu é um dos conceitos filosóficos e dos princípios organizacionais essenciais das populações que falam línguas bantu. Essas populações precisam, face a globalização econômica, cimentar fortes vínculos de solidariedade, em primeiro lugar entre elas mesmas”<sup>40</sup>.

Com assente, o Ubuntu se constitui em possibilidades de convivência e diálogo – que devem ser construídos – entre diferentes saberes incompletos e que naturalmente têm diferentes perspectivas, notadamente pelo fato que cada um deles possui seus preconceitos, limitações e diferentes linguagens. O preceito da solidariedade e dos laços de reciprocidade<sup>41</sup> já ocorrem nos Reinados, motivo pelos quais eles ainda persistem em face das dinâmicas desagregadoras das grandes cidades.

Portanto, ao criar diálogos que permitam a emersão dessa filosofia, seu fundamento se apoiará nas epistemologias do sul, que contemplam todo o processo de construção e de validação do conhecimento à partir das experiências daqueles que tem sofrido,

---

<sup>38</sup> SANTOS, 2010, p. 7.

<sup>39</sup> SANTOS, 2010, p. 37.

<sup>40</sup> RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books Publishers, 1999, p. 179.

<sup>41</sup> Sobre laços de reciprocidade, ver: MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edu/Edusp, 1974.

sistematicamente, as injustiças, opressões e discriminações do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado, pois, como afirmou Florestan Fernandes, “o negro permaneceu sempre condenado a um mundo que não se organizou para tratá-lo como ser humano e como ‘igual’”<sup>42</sup>.

Os Reinados recriam essa filosofia bantu que concebe a humanidade como dotada de igualdade e por isso suas festas são públicas, reverenciando tanto os vivos quanto os mortos, tanto os pobres quanto os ricos, tanto os brancos quanto os negros: para essa cosmovisão, a vida deve ser partilhada e vivida em comunidade, a comida deve ser dividida e a fé não deve ser exclusividade, nem imposição.

Desse modo, todo o arcabouço de conhecimentos, experiências e saberes preservados no Reinado da Guarda estudada – num processo de resistência às colonialidade – pode ser revelado e disseminado sob a lógica do Ubuntu, porquanto filosofia capaz de suplantar a lógica do epistemicídio, garantindo lugares e espaços sociais a essa tradição marginalizada.



O Nganga Muquixe e Rei do Reinado da Guarda estudada, Guaraci Maximiano dos Santos, numa missa Conga no CESS em 2019. Fonte: Arquivo do CESS.

## Considerações finais

<sup>42</sup> FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972, p. 15.



Compreendido como um sistema religioso e como um saber filosófico de matriz bantu, o Reinado narra “um saber que traduz o negro como signo de conhecimento e como agente de transformações”<sup>43</sup>.

Colocada nas encruzilhadas da modernidade, essa tradição religiosa é acometida por inúmeros atravessamentos que buscam desfragmentá-la: as linhas abissais questionam sua legitimidade, sua identidade e sua pertença, talvez provocadas pelo espetáculo dos reis e rainhas negros e seus Reinados, que tomam as ruas das cidades com seus festejos públicos durante o ano e que reivindicam sua agência civilizatória na cultura brasileira. Como sujeitos, os reinadeiros “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias”<sup>44</sup>.

Nesse sentido, a dinâmica de validação e de reconhecimento dos conhecimentos reinadeiros, que emergem pelo exercício do Ubuntu – na atual conjuntura de intolerância, racismo e fundamentalismo religiosos experimentada no Brasil – se apresenta como uma proposta filosófica e epistemológica essencial para a preservação dessa religiosidade.

## Referências

AGUIAR, Tito F. Rodrigues. *Vastos Subúrbios da Nova Capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte*. 2006. 443 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

BELO HORIZONTE. Prefeitura. *População residente total por bairro em Belo Horizonte*. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/politicaurbana/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

BETTENCOURT, Estevão Tavares. *Católicos perguntam*. 6. ed. São Paulo: O Mensageiro, 1997.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

---

<sup>43</sup> MARTINS, 1997, p. 41.

<sup>44</sup> HOOKS, Bell. *Talking Back: Thinking Feminist, Talking Black*. Boston: South End Press, 1989, p. 42.

- FOURSHEY, Catherine Cymone. *África Bantu: de 3500 a.c. até o presente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- GIBRAN, Elias; MOYSÉS, Júlia (Orgs.). *Percursos do Sagrado: Irmandades do Rosário de Belo Horizonte e entorno*. Projeto de Registro das Guardas de Congado de Belo Horizonte, n. 0612/2011, Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Belo Horizonte: Canal C – Comunicação e Cultura, 2014.
- GOMES, Núbia Pereira; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras Raízes mineiras: Os Arturos*. Juiz de Fora: MEC/EDUFJF, 1988.
- HEYWOOD, Linda M. (Org.). *Diáspora negra do Brasil*. Tradução de Ingrid de Castro Vompeam Fregonez, Thaís Cristina Casson e Vera Lúcia Benedito. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- HILTON, Anne. *The Kingdom of Kongo*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- HOOKS, Bell. *Talking Back: Thinking Feminist, Talking Black*. Boston: South End Press, 1989.
- IGLÉSIAS, Francisco *et al.* A Constituinte Mineira de 1891. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 71, p. 163-245, jul. 1990.
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MARX, Karl; ENGELS, Frederick. *The German Ideology*. Londres: Lawrence and Wishart, 1974.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edu/Edusp, 1974.
- MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signio, 2010.
- OLIVEIRA, Sueli do Carmo. *O Reinado nas encruzilhadas do catolicismo: dinâmica das comunidades congadeiras em Itaúna/MG*. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2463/1/suelidocarmooliveira.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- POEL, Francisco van der. *O Rosário dos homens pretos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.
- POLIFONIA RITUAL NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. Montes Claros: [s. n.], 2020. 1 vídeo (112 min). Publicado pelo canal Descolonizações e Interculturalidades. Participação de Cristina Borges, Steven Engler, Alexandre Kaitel e Guaraci M. dos Santos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YoeP9LD2VY8&t=193s>. Acesso em: 26 nov. 2020.

POSSIDÔNIO, Eduardo. *Entre Ngangas e manipansos: A religiosidade centro-africana nas freguesias urbanas do Rio de Janeiro de fins do Oitocentos (1870-1900)*. Salvador: Sagga, 2018.

RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books Publishers, 1999.

SÁ, Marco Antônio Fontes de. Congadas e Reinados – Celebrações de um catolicismo popular, africano e brasileiro. *Revista Mosaico*, Goiânia, v. 12, p. 286-302, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7713/pdf>. Acesso em: 17 mar. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SANTOS, Guaraci Maximiano dos. *Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola: uma tríade Bantu na promoção da vida responsável*. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1698-1700, jul./set. 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n39p1698/8653>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás da metrópole*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SLENES, Robert. A árvore de Nsanda transplantada: cultos kongo de aflição e de identidade escrava no sudeste brasileiro (século XIX). In: LIBBY, Douglas Cole; FURTADO, Júnia Ferreira (Orgs.). *Trabalho livre, trabalho escravo*. Brasil e Europa, séculos XVII e XIX. São Paulo: Annablume, 2006.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Marina de Mello e. *Além do visível: Poder, Catolicismo e comércio no Congo e em Angola (séculos XVI e XVII)*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2018.

THOMPSON, Robert Farris. *Flash of the Spirit: African and Afro-American Art and Philosophy*. New York: Vintage Books, 1984.

WALLERSTEIN, Maurice Immanuel. *O sistema mundial moderno*. Vol. II: o mercantilismo e a consolidação da economia-mundo europeia, 1600-1750. Porto: Ed. Afrontamentos, 2002.

WALLERSTEIN, Maurice Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. São Paulo: Boitempo, 2007.